

# Projeto Novos Rumos: Educação, Reabilitação e Inclusão Social

INSS - Campinas

**Categoria:** Órgãos Públicos

**Profissional Responsável:** Maria Eduarda Silva Leme

**Contato:** [eduardaleme@uol.com.br](mailto:eduardaleme@uol.com.br)

## Resumo do trabalho

### I – Apresentação e objetivos

A experiência que aqui apresentamos refere-se a um projeto elaborado e realizado na Gerência Executiva do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social, do Ministério da Previdência Social) de Campinas, São Paulo, no âmbito da Seção de Saúde do Trabalhador. O projeto - denominado Novos Rumos -, na forma como foi inicialmente idealizado, consiste em ações de acolhimento, orientação e incentivo a segurados do INSS afastados do trabalho por incapacidade há seis meses ou mais, a depender de suas condições, tendo por objetivo: a) seu retorno aos estudos para elevação da escolaridade; b) a aproximação com as tecnologias da informação para sua inclusão digital; c) a resignificação de sua incapacidade, deslocando o foco das limitações para as potencialidades e possibilidades de vida; d) o resgate da participação nas práticas sociais. Esses quatro fatores, articulados entre si e afetando-se mutuamente, mobilizam nos atendidos recursos reconstrutivos e criativos e possibilitam transformações, favorecendo o posterior processo de volta ao trabalho e de reinserção social.

O projeto tem o caráter de uma pré-reabilitação profissional, a ser realizado antes que se deteriorem as condições psicossociais dos segurados afastados do trabalho por incapacidade, e antes que se cristalizem atitudes negativistas e derrotistas, em uma fase anterior a seu encaminhamento para o Serviço de Reabilitação Profissional do INSS, permitindo que quando o segurado inicie um programa naquela instância tenha já conquistado um nível melhor de escolaridade e condições psicossociais mais favoráveis a um processo de retorno à vida laboral, garantindo maiores possibilidades de sucesso de um programa reabilitatório.

### II – Referencial teórico e justificativa

Faz-se oportuno abordar inicialmente aqui a dimensão do trabalho na vida humana, assim como a concepção que assumimos sobre desenvolvimento humano e constituição de sujeitos, na medida em que as concepções teóricas que embasam o projeto de intervenção que aqui relatamos compõem a justificativa sobre o desenho do projeto. O que é trabalho? É a relação dos seres humanos com a Natureza e entre si, produzindo as condições de sua existência. Com o trabalho o homem vai além da natureza, reconhecendo-se nos produtos que fabrica e contrapondo-se como sujeito ao mundo dos objetos naturais (Konder, 2002; Abbagnano, 1998). Karl Marx empreendeu uma análise minuciosa das relações de trabalho na sociedade capitalista do século XIX e influenciou profundamente o pensamento sociológico, político e econômico até os dias de hoje. Para Marx, o trabalho tem importância fundamental na própria constituição humana: é um processo em que o homem impulsiona, controla e regula seu intercâmbio com a natureza através de sua ação, o que faz com que transforme a si próprio. Em *O Capital* (1859/1975), sua obra máxima, Marx elabora toda sua complexa teoria econômica e põe em evidência a centralidade do trabalho na vida humana. Antunes (2005), um dos autores que, no Brasil, têm trazido na contemporaneidade importante contribuição ao tema do trabalho, contrapõe-se a correntes atuais que alardeiam o fim da centralidade do trabalho como fenômeno societal estruturante, e argumenta que a centralidade dessa categoria se mantém, sob novas configurações e novas relações entre capital e trabalho. Segundo Antunes, o trabalho está no centro do processo de humanização do homem. Tendo em vista essa dimensão do trabalho na vida humana, o alijamento dessa atividade traz significativa repercussão sobre os indivíduos. Robert Castel (1998), importante autor da literatura sobre trabalho, enfatiza a estreita relação entre a condição de inserção no trabalho e a participação nas redes de sociabilidade.

Aborda o estatuto do trabalho não como “relação técnica de produção, mas como suporte privilegiado de inscrição na estrutura social” (ibid., p. 24), salientando que a não

participação em qualquer atividade produtiva acarreta isolamento relacional e desfiliação social.

Assim, a precarização dos vínculos com o trabalho, ou sua ausência, provoca a precarização e a deterioração da própria inserção social. Portanto, embora recebam o benefício pecuniário do INSS, os trabalhadores afastados do trabalho distanciam-se da condição de pertencimento à rede social e aproximam-se da zona de desfiliação social, ou zona de inexistência social, nos termos de Castel, passando a ser vistos e a se verem segundo uma imagem desvalorizada e carregada de sentidos negativos, o que determina sua fragilização psicológica.

Além disso, embora os segurados do INSS afastados do trabalho em geral não estejam desempregados, a ameaça do desemprego futuro paira sobre eles, intensificando o nível de angústia e de sofrimento psíquico. Assim, o afastamento prolongado do trabalho, sem uma intervenção paralela que mobilize recursos psíquicos reconstrutivos e criativos, leva o trabalhador a essa condição de desfiliação social, a uma crescente diminuição da autoestima e a uma dependência cada vez maior dos recursos pecuniários garantidos pelo benefício previdenciário, estabelecendo-se um círculo vicioso nocivo ao trabalhador adoecido e à instituição previdenciária: o trabalhador já não acredita em suas capacidades e se atemoriza cada vez mais diante da idéia de voltar ao trabalho, e a instituição se sobrecarrega com o custo de longos afastamentos ou de reaberturas de benefícios.

Ao lado disso, no processo de retorno ao trabalho dos segurados do INSS, evidencia-se como grande empecilho sua baixa escolaridade e, freqüentemente, sua não compreensão sobre a importância e a necessidade de melhorarem sua escolarização, assim como sobre a repercussão positiva que essa progressão pode significar para a melhora em sua qualificação profissional.

Diante das características atuais do mercado de trabalho, cada vez mais exigente quanto a nível de escolaridade, qualificação profissional, capacidade de pensar e de adaptação a novas situações, boa parte dos segurados apresenta condições bastante desfavoráveis a um retorno bem sucedido à vida laboral. Em termos de desenvolvimento humano e constituição de sujeitos, assumimos como fundamentação teórica a perspectiva histórico-cultural em psicologia, segundo a qual o psiquismo humano se constitui socialmente, a partir das interações sociais. Lev Vigotski (1998), principal autor dessa linha teórica, sustenta que é por meio do outro que o ser humano desenvolve suas funções psíquicas superiores, apropriando-se, pela linguagem, das significações da cultura em que está imerso e assim constituindo-se como sujeito. Vigotski afirma também que o ser humano está em constante transformação, e que o desenvolvimento é um processo que ocorre a depender da interação com o meio social, com as outras pessoas, com a cultura.

Assim, pode-se promover desenvolvimento, favorecendo as interações sociais e a participação nas práticas sociais. Refletindo sobre todas essas questões, concluímos ser de fundamental importância uma intervenção com esses trabalhadores em um momento precoce de seu afastamento que, por um lado os estimule a retomar os estudos tão cedo interrompidos e os aproxime da informática e, por outro, lhes proporcione uma situação de acolhimento, incentivo e apoio psicossocial, de modo a possibilitar-lhes uma nova compreensão sobre sua situação, deslocando o foco da incapacidade para as potencialidades. Mobilizando nesses trabalhadores recursos reconstrutivos, pode-se auxiliá-los a retomar o curso de suas vidas, a se desenvolver e a resgatar sua saúde psicossocial.

A volta à escola e o aprendizado de informática, à medida que proporcionam a inserção em práticas sociais valorizadas e estimulam as interações sociais, além de sua finalidade primária podem constituir-se secundariamente em instrumento de inclusão social e de resignificação do trabalhador perante si próprio, sua família e a comunidade, favorecendo seu fortalecimento e seu posterior retorno ao trabalho em bases mais sólidas. Esta é a proposta do Projeto Novos Rumos.

### **III – Metodologia**

Durante o processo os segurados participantes continuam em benefício, garantindo-se inicialmente sua continuidade por 12 meses, desde que ao longo do processo sua inserção ou reinserção escolar, assim como sua freqüência assídua à escola, estejam comprovadas. A idéia do projeto não é necessariamente aguardar a finalização do ciclo de escolarização, mas incentivar e possibilitar o início do processo de retorno à escola. A depender de avaliação conjunta com um médico-perito, esse período pode ser prorrogado para possibilitar um avanço maior na escolarização e mesmo a realização de cursos profissionalizantes.

O trabalho é realizado em grupo, tendo como referência os grupos operativos de Enrique Pichon-Rivière (1991), em que a atividade grupal tem como foco uma tarefa – no caso, a volta aos estudos -, e a partir dela os processos psíquicos do grupo são trabalhados,

favorecendo-se a elaboração de elementos depressivos, resistência à mudança, medos e angústias, e outros aspectos.

O trabalho é conduzido por uma psicóloga clínica – a função pode ser desempenhada por servidor de nível superior da área de ciências humanas ou da saúde, desde que com a devida qualificação e perfil adequado - qualificada para realizar trabalho em grupos, com conhecimento e experiência na área de trabalho, pessoas com deficiência e reabilitação profissional. Salientamos que o trabalho em grupo, além de atingir em menor tempo um número muito mais amplo de atendidos, ao possibilitar trocas de experiências e o compartilhar de sentimentos favorece o estabelecimento de vínculos sociais e solidários, assim como o sentimento de pertencimento, fortalecendo psíquica e socialmente os participantes.

Os grupos, de uma hora e meia de duração, são atendidos inicialmente em dois encontros, com um intervalo de uma quinzena entre um encontro e outro; os outros encontros devem ocorrer bimestralmente (na implantação inicial do projeto, que relataremos abaixo, foi necessário ampliar esse intervalo para um trimestre, por circunstâncias diversas). Ao mesmo tempo em que se acompanha e se estimula o processo de reinserção escolar e outras iniciativas dos segurados, realiza-se o trabalho de apoio psicossocial.

O projeto tem ainda como um de seus princípios a valorização da articulação interna e externa da instituição, baseando-se no trabalho integrado com outras áreas e em parcerias com instituições públicas e privadas, como Secretaria Municipal da Educação (no âmbito da Educação de Jovens e Adultos), Secretaria de Saúde, universidades e ONGs para o ensino de informática, e outras.

#### **IV - Breve histórico da implantação do Projeto**

Tendo em vista o grande número de encaminhamentos para a Reabilitação Profissional da Gerência Executiva do INSS Campinas ocorridos ao longo de 2008 e o decorrente represamento, decidiu-se iniciar a realização do Projeto Novos Rumos com esse contingente de segurados já considerados elegíveis para programa de Reabilitação Profissional, que aguardavam atendimento pelas orientadoras profissionais.

A idéia é que esses segurados sejam atendidos no Projeto, em caráter de uma pré-reabilitação, e posteriormente sejam encaminhados para realizar a finalização do processo de reabilitação profissional com as orientadoras daquele serviço. Foram atendidos desde novembro de 2008 até setembro de 2009, 240 segurados, distribuídos em 24 grupos, com um intervalo de uma quinzena entre o primeiro e o segundo encontros, e frequência trimestral depois disso. No primeiro encontro acolhem-se as angústias, trabalham-se aspectos de repetição e medo ligados à incapacidade, e apresenta-se a proposta do projeto, trabalhando então com o receio diante da volta aos estudos, o medo de não ser capaz de aprender, o constrangimento, a insegurança, encaminhando aqueles que se interessam para as escolas de seus bairros, ou onde preferirem estudar. Estimula-se ainda a busca do ensino de informática. O retorno à escola é condição obrigatória para a participação no projeto, mas o aprendizado de informática é opcional. Foram selecionados para participar do projeto segurados em auxílio-doença previdenciário, em sua maioria, mas também em auxílio-doença acidentário, com nível de escolaridade de ensino fundamental incompleto.

#### **Impacto na vida dos reabilitados e indicador utilizado para medir esse impacto**

Inicialmente, vejamos o perfil médio dos trabalhadores atendidos na primeira fase de implantação do projeto: estão em sua maioria na faixa etária compreendida entre 38 e 55 anos, e têm em geral uma história de vida semelhante: atualmente vivem em Campinas ou cidades da região metropolitana, mas viveram sua infância na zona rural; estudaram em média até a 4ª série, em escolas distantes muitos quilômetros de suas casas, abandonaram os estudos para ajudar os pais no trabalho duro da lavoura, e nunca mais voltaram a estudar. A grande maioria também não tem acesso às tecnologias da informação, e nunca sequer ligou um computador. Assim, ao lado de estarem alijados do mundo do trabalho, com toda a carga de exclusão que isso significa, estão também excluídos do mundo letrado e do universo da informática. O tempo médio de afastamento é de 4 anos, sendo que há alguns segurados com até 12 anos de afastamento.

A condição psicológica que de modo geral apresentam inicialmente é de desalento, depressão, descrédito, revolta; um bom número usa medicamentos para depressão, e de modo geral estão completamente voltados para a doença, a incapacidade, as limitações, a necessidade de manter o benefício previdenciário. Alguns se sobressaem com iniciativas já tomadas e mantidas de retorno à escola, busca de cursos, atitudes pró-ativas. Cerca de 20% tentou retornar aos estudos, não tendo conseguido se manter na escola. Diante desse quadro, as mudanças que a maior parte apresenta com a participação no Projeto Novos Rumos chega

a ser surpreendente; observam-se algumas regularidades que expressam o impacto causado em suas vidas pelos novos elementos que se introduzem.

Em contraste à postura apresentada no primeiro encontro - em que predominam a desconfiança, a revolta, as queixas, o desalento, o descrédito, a exposição ostensiva de dores e limitações -, já no segundo encontro, uma quinzena depois, mostram em sua maioria atitude diferente, inclusive em termos de aparência física. Retornam mais bem vestidos, arrumados, ocupados com outros temas – matrículas escolares, vagas em escolas, receptividade ou não das escolas, repercussão positiva dos familiares à sua volta aos estudos. Em vez de se dirigirem apenas à psicóloga, trocam informações e impressões entre si, constituindo novos vínculos e identificações.

No terceiro encontro, após o início das aulas, relatam de modo geral o receio inicial que sentiram, seguido do sentimento de grande bem-estar por estarem ocupados e vinculados a uma instituição social – a escola -, pelas amizades e contatos estabelecidos, pela aquisição de conhecimento, pelo sentimento de valorização, pela esperança de se desenvolverem. Alguns passam a pensar soluções para sua vida profissional, a elaborar projetos de qualificação profissional e posterior trabalho autônomo, a pensar sobre sua vida laboral em termos realistas e construtivos.

De modo geral, relatam uma repercussão muito positiva sobre as relações familiares e mesmo comunitárias, com muitos familiares e vizinhos aderindo a sua iniciativa e indo estudar também, o que é sentido por eles como prestígio; assim, seu lugar social muda, pois em vez de ficarem na posição de desvalorizados e excluídos, passam a ser valorizados e responsáveis por estimular os outros a se desenvolverem. A escola e o conhecimento tornam-se objeto de interesse: passam a ter motivação por conversar sobre o ambiente escolar e o aprendizado, sobre os acontecimentos da escola, e sobre os conteúdos escolares que aprendem, e com os quais muitas vezes se sentem maravilhados. Nas reuniões, passamos a discutir temas que aprendem na escola, sobre geografia, artes, português, as recorrentes dificuldades com matemática, tudo num clima de entusiasmo e esperança. Observa-se um processo gradual de reconstrução da auto-estima, e da construção de um papel mais ativo: muitos passam a ser representantes de classe no conselho da escola, passam a fazer reivindicações quanto a disciplina, faltas de professores e outras questões.

Constata-se o surgimento de sentimentos de valorização, desejo de estudar, e ainda, mobilização de idéias e ações relativas à vida laboral. Observa-se também uma ressignificação do poder da instituição (INSS): em vez de ser vista como ameaça, passa a ser percebida como apoio. Começa a surgir a conscientização sobre o direito à educação, o direito de acesso à cultura, mobilização em busca de recursos na comunidade, e um diálogo mais horizontal com o profissional que atende o grupo. Para ilustrar aspectos do impacto até o momento observado, cito algumas falas de participantes dos grupos: “A gente fica enchendo a paciência da família falando só de doença. A cabeça da gente vai fechando... A escola abre a cabeça da gente.” Alcides, 46 anos, afastado há 6, hérnia de disco lombar, depressão; retornou para a 7ª série, está sorridente. “Nunca pensei que eu ia ter uma oportunidade dessas! Sempre trabalhando dia e noite, sábado e domingo... Eu não sabia nem ligar o computador, agora já sei word, estou aprendendo power point. Edson, 48, motorista carreteiro, voltou para a 5ª série; além da informática, começou a fazer curso de rotinas administrativas, e quer ver se sua empresa tem cursos a oferecer. “É muito legal participar do grupo, conversar, trocar idéias, aprender coisas novas, em vez de ficar em casa sem fazer nada”. Cícero, 37 anos, visão sub-normal, voltou para a 3ª série e iniciou informática. “No primeiro dia de aula foi difícil, agora eu estou adorando! Não vejo a hora de ir pra escola. Eu me arrumo toda, meu marido está ficando com ciúmes.” Francisca, 43 anos, reingressou na 6ª série, está fazendo informática. “Uma saída pra nós é avançar nos estudos, depois aprender um ofício, e trabalhar por conta.” Terceiro encontro, Edson, 48 anos, seqüela em membro inferior, 5ª série, afastado há 4 anos. Os indicadores elaborados para avaliar os resultados e o impacto sobre a vida dos atendidos são:

I – Indicadores quantitativos • frequência dos atendidos às reuniões de grupo; • número de atendidos matriculados nas escolas; • número de atendidos que permanecem na escola ao longo do projeto; • Número de atendidos que concluem o ciclo escolar; • número de atendidos matriculados em cursos de informática ou aprendendo informática de outras maneiras: em casa com os filhos, na escola, etc..

II – Indicadores qualitativos • relatos de prazer em aprender e em freqüentar a escola; • relatos de utilização de computador em casa ou outros locais; • mudança de atitude: despertar da motivação por se desenvolver; • mudança na auto-estima: referências positivas a si próprio e à aceitação pelos outros; • mudança de discurso: no lugar de queixas sobre limitações, relato de novas experiências; • relatos de melhora nas relações familiares; • relatos de resgate da participação nas práticas sociais e do estabelecimento de vínculos sociais, na escola e na comunidade; • referências mais positivas à possibilidade de retorno à vida laboral. Estando o projeto ainda em seu início – alguns grupos tiveram apenas três encontros até o momento –

ainda não se procedeu a uma análise sistemática e exaustiva dos resultados, mas o que se observa, de maneira ostensiva, é uma repercussão muito positiva sobre o estado psíquico, a inserção social e a atitude perante o mundo dos segurados que se mantêm estudando e freqüentando os encontros grupais.

### **Resultados obtidos, conclusão e perspectiva de continuidade**

Em termos de resultados, o que se observa é uma adesão inicial de 90% dos segurados ao projeto, havendo um decréscimo nesse percentual, com desistências, agravamentos de quadros de saúde, transferências para outras cidades, chegando-se a um percentual estável de 75% de participantes estudando em escolas regulares, com comprovação de matrícula e de freqüência escolar. As desistências de estudar, e portanto de continuar participando do projeto, ocorrem até o terceiro encontro; depois disso, é raro haver um abandono.

Quanto à informática, houve manifestação de interesse de cerca de 60%, mas efetiva inserção em curso ou outra modalidade de aprendizagem de 40%. A respeito desse item, deve-se considerar que, ao lado do receio inicial de muitos segurados de se aproximar da informática e não conseguir ter bom desempenho nas duas atividades – escola e computação –, ainda não foi possível estabelecer parcerias com cursos gratuitos de informática nos diversos municípios da região metropolitana – o que já conseguimos com a Pontifícia Universidade Católica de Campinas. O que observamos é que a informática ainda é sentida por muitos deles como algo muito distante de seu universo, e pensamos ser necessário um avançar na escolarização e na interação com outros estudantes para, num segundo momento, perderem o receio e desejarem efetivamente apropriar-se desse conhecimento.

Uma pequena porcentagem até o momento inscreveu-se e está cursando cursos profissionalizantes, e aqueles que têm da 6ª série para a frente, foram recentemente encaminhados para serviço municipal que oferece programa de qualificação profissional em parceria com o Senai e Senac.

O projeto está em andamento, não tendo-se concluído ainda um ciclo completo com nenhum dos 24 grupos, mas 20 segurados já completaram o ensino fundamental e ingressaram no ensino médio. Será dada continuidade ao projeto, considerando os resultados positivos obtidos até agora, assim como a repercussão positiva que tem causado em outras instituições, como Secretaria de Saúde e de Educação, e também em instâncias de representação de trabalhadores, como sindicatos e associações. Em 2010 será ampliado seu alcance, procedendo-se à capacitação de técnicos para realizarem o projeto em outras agências da Gerência Executiva Campinas, assim como será implementada sua execução com segurados com pouco tempo de afastamento. Há perspectivas também da aplicação do projeto a outros grupos de segurados, como aqueles de auxílio-doença longo, e outros que se julgar oportuno.

O projeto é de fácil replicabilidade, sendo necessários para sua execução apenas uma sala relativamente ampla, cadeiras, e um profissional qualificado para a condução do trabalho em grupo. O projeto pode ser realizado em qualquer lugar do país, e se se adotasse essa prática, certamente poderíamos obter maior resolutividade nos programas de Reabilitação Profissional, com um previsível aumento no número de segurados reinseridos no mercado de trabalho com sucesso.

Este trabalho será objeto de pesquisa acadêmica a ser efetuada em nível de pós-doutorado, o que favorecerá um aprofundamento da compreensão dos processos envolvidos, uma divulgação em outros âmbitos dos resultados obtidos e uma ampliação do alcance dos métodos empregados.

### **Referências bibliográficas**

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005a

CASTEL, R. – **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Trad. de Iraci Poleti. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARX, K. **O Capital**. vol.1. Trad. Reginaldo Sant'Anna. São Paulo, Civilização Brasileira, 1849/1975

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. Trad. M. Aurélio Fernandes Velloso. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.